

## ESCRITURAS DESLOCADAS: ENTRE E-MAILS E FOTOGRAFIAS

Maria dos Remédios de Brito<sup>1</sup>  
mrdbrito@hotmail.com

Manoel Neto<sup>2</sup>  
mjneto@ufpa.br

**Resumo:** A sociedade do consumo e do espetáculo gira em torno de uma política do igual. Ela estabelece modos de subjetividades cercados pelo banal, pelo miserável. Corpos cansados vagueiam, sem vidas, autômatos. Mesmo com todo esse esforço, corpos igualmente resistem, criam linhas de resistências para não serem sufocados pela massificação do comum. Este texto aborda, por linhas fragmentárias, escrituras e deslocamentos marginais, um encontro de afecções por meio dos agenciamentos *fotografia e e-mails*. Corpos buscando linhas de sensibilidade, de fortalecimento do pensamento, em meio ao tempo de fluidez do capital, da tecnologia, das relações e do esvaziamento ético. Um exercício para o corpo e para o pensamento, que afirma a singularidade, para pensar novos modos de expressão, de escrita e de sensibilidade, onde caiba um convite para um gesto de uma política menor.

**Palavras-Chave:** Singularidade. Escrituras deslocadas. Emails, Fotografias.

**Résumé:** La société du consommation et du spectacle tourne autour d'une politique de l'égal. Elle établit des modes de subjectivités entourés par le banal, par le misérable. Des corps fatigués errent, sans vie, automates. Même avec tous ces efforts, des corps également résistent. Ce texte aborde – par des lignes fragmentaires – des écritures et des déplacements marginaux, une rencontre d'affections médiée par les connections de *photographie et courriers électroniques*. Des corps à la recherche de lignes de sensibilité, de fortification de la pensée, au milieu du temps de la fluidité du capital, de la technologie, des rapports et de la vacuité éthique. Un exercice pour le corps et pour la pensée, qui affirme la singularité, pour faire penser à propos de nouveaux modes d'expression, d'écriture et de sensibilité, où il est possible une invitation pour un geste d'une politique mineure.

**Mots-clés:** Singularité, Écritures déplacées, Courriers électroniques, Photographies.

(1-bloco)

Prefiro não fazer  
(H. Melville)

**Experimentar o pensamento:** persiste a tarefa de resistir à grande razão revestida de instrumentalismo que reforça a experiência da fraqueza e da impotência, tornando o homem uma espécie de alegoria espectral, guiado por uma fruição infinita de prazeres iguais e uniformizantes. O corpo, na modernidade, que se apresenta é o objeto a ser fígado pelas redes eletrônicas... Os corpos e vidas são monitorados a todo vapor, tornando-se redes de informação cada vez mais amplas. Seja no uso do cartão eletrônico de banco, na compra de um objeto qualquer ou no uso de um celular, os corpos são vigiados, são controlados e operados. As redes de banco de dados desejam garantir quem

são os corpos adequados para serem postos como guia de seleção e/ou de exclusão/inclusão (Bauman, 1998). As redes insistem nos corpos globais e negam os corpos locais, pois os globais são corpos que são barganhados pelos poderes e pelas forças de consumo e pelos prazeres artificiais, como bem afirma Bauman (1998) em suas reflexões sobre a modernidade líquida. Assim, o que resta diante de um mundo que parece o tempo todo se deslocar? O que fazer para tentar cultivar uma resistência à vida banal? Em que medida a vida exuberante do consumo não se confunde com a vida que solicita o necessário? Em que medida alguém poderia viver sem o outro? Pode-se insistir em uma *política menor*, que recusa a autovigilância, que reclama uma vida singular, privada para o corpo e para a vida diante da abundância global, da exibição e da excitação? Em que essa vida artificial, que toca os corpos pelo consumo e por suas banalidades, pode se tornar insuportavelmente inóspita? Não se tem outra situação insuportável para se permanecer, diante do que se apresenta, não é possível parar e tampouco ficar onde se está, o que nos resta? Os últimos gritos sempre são casos a serem problematizados.

Em alguns momentos torna-se necessário forçar um movimento de repouso, uma parada, selecionar alguma reserva, tomar algo como estranho, perturbador...Um grito não para persistir na mera vivência, no puro estético, na sensibilidade, mas na experiência, naquilo que se sofre e toca a cada um pela sua violência. Essa política só pode ser posta pelos modos menores, por uma língua que gagueja, por uma literatura que resiste aos corpos docilizados, por um programa de vida que reclama pelo exercício do não definhamento da vida.. Tudo isso consiste em uma tarefa cuidadosa do homem consigo mesmo, do homem que se dispõe a um conhecimento da cultura e de suas condições...Uma *política menor*, quer ser uma espécie de maquinaria contra os modos iguais, um esforço para não se ser sufocado pela massificação do comum. Tarefa que não tem um modelo, uma forma, mas somente um exercício percorrido pela força do pensamento violentado... Não há nenhuma política de segurança, mas modos de criação de vida...Sociedade do controle...

## (2-bloco)

A maior riqueza do homem  
é a sua incompletude.  
Nesse ponto sou abastado.  
Palavras que me aceitam como sou - eu não aceito.  
Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,  
que puxa válvulas, que olha o relógio,  
que compra pão às 6 horas da tarde,  
que vai lá fora, que aponta lápis,  
que vê a uva etc. etc.

Perdoai  
Mas eu preciso ser Outros.  
Eu penso renovar o homem usando borboletas.  
(Manoel de Barros)

## A FOTOGRAFIA DE UM DIALÓGO: MOVIMENTOS DE UMA CARTOGRAFIA DOS AFETOS

**12 de Abril de 2011**

Maria, como vai? Na nossa última conversa, depois da sua aula, lhe falei de alguns dos meus interesses, entre eles estava a fotografia, uma forma de me manter sereno, vigilante do mundo, das coisas que estão ao meu redor, principalmente, das pequenas coisas. Ofício de um olho afetado para aquilo que pode ser visto como desnecessário, como não sendo da ordem para ser analisado, mas sentido... Como senti que você também se interessou, resolvi selecionar algumas imagens/fotos para você apreciar com alguns comentadores. Envio, em anexo. Seu amigo, Manoel.

**13 de Abril de 2011**

Amigo querido, como vai? Espero que você esteja bem. Fiquei impressionada com as imagens fotográficas. Sei que você já fez algumas exposições em Belém com o tema das GOTAS. As imagens em preto e branco são verdadeiros espelhos para os olhos... Sei que esse tipo de montagem é interessante para você. As fotos sempre mostram um cuidado com a luz, e parece oferecer ao observador um duplo, sendo possível ser observada de duas maneiras... O belo enquadramento, a aproximação e a distância da máquina... As fotos tiradas por você produzem a ideia de uma fascinação pelo mar, pelos barcos, pelo homem ribeirinho, o homem das águas, mas também o fascínio pelo tema dos pingos.... Eu tive vontade de saber de você: por que a necessidade do trato com essas paisagens? Algumas delas me chamou bastante atenção. Ao olhar essas imagens fotográficas, duas imagens descritas apareceram em minha mente: uma por Nietzsche e outra por Rimbaud, ambas imagens do mar... da água... O poema de Rimbaud chamado "O barco bêbado" (2009), uma espécie de grito, que desfaz a linguagem, uma espécie de desmontagem do corpo... Um grito... Uma alucinação da língua. Por outro lado, Nietzsche (2011), com suas belas imagens do mar... Tudo parece ser desmontado, aí também comporta um grito.... O movimento... A não chegada, a passagem... O meio. A sua fotografia, em alguns momentos, parece também um grito...Um grito para não sufocar.

**06 de Maio de 2011**

Minha amiga, como vai? Esses dias só trabalho na universidade. Tenho que preparar um curso para os meus alunos de Física... Contudo, a minha grande preocupação são algumas disciplinas que tenho que fazer no meu curso de doutorado. Além de pensar no meu próprio projeto, pois vou ter que fazer alguns ajustes para apresentar à banca de avaliadores. Como é duro neste país trabalhar e fazer pesquisa. Ainda o que me salva dessa burocracia cansativa são os meus trabalhos com a pintura e com a fotografia. Olha, na última aula, aproveitei um momento e fiz uma espécie de caricatura sua. Depois deixo com você na sua sala. Aproveito para enviar umas fotos para você. Eu gostei dos comentários que você fez das últimas fotos que enviei. Um dia penso em fazer algumas coisas com elas. Também gostei muito daquele pequeno texto que você entrelaça escrita e fotografia. Aquele texto foi também interessante para mim, lá entendi que a fotografia não é um meio de inspiração só para mim... ela pode criar mundos ou roupar o instante... A fotografia, roupa também as palavras, os gestos... Um abraço, seu amigo, Manoel.

## **08 de Maio de 2011**

Oi, Manoel! Nestes dias não estou bem, meu corpo está tão cansado. Estou também trocando as lentes dos meus óculos, pois já não aguento mais ficar lendo texto por meio da tela do computador. Além disso, ando muito gripada, já faz uma semana que estou assim, mas abate sobre o meu corpo um cansaço que não é só da gripe, estou sem vontade de falar com as pessoas, de andar dentro de casa, não suporto o barulho da rua, não tenho nem coragem de olhar através dos vidros das janelas, o barulho da televisão, então, é um horror. Só um pouco de silêncio... Eu queria mesmo era poder passar uns dias sem ter que fazer coisas burocráticas... Acho que você sabe do que eu estou falando. Obrigada, pelo envio das fotos, gostei muito do trabalho com os homens ribeirinhos, com os catadores de açaí... gente simples... Eu fiquei pensando, quando observava aquelas fotos, as pessoas daquela comunidade, homens e mulheres trabalhadores, que usam seus corpos, suas mãos, vivem, buscam seus alimentos no rio e na floresta e ainda partilham... O que estamos fazendo conosco? Que vida estamos escolhendo? Essas pessoas partilham o que não é excedente, o que dividem com os outros é necessário para suas próprias vidas... Um trabalho bonito que você fez por meio da fotografia, mostrando modos de vida, de existência, que nos fazem pensar não só como estamos vivendo, mas o que podemos fazer para construir outras formas de vida.

Abraço amigo.

## **09 de Setembro de 2012**

Oi, Manoel! Eu estava tão melancólica esses dias. As fotos enviadas foram uma alegria para a minha alma cansada. Hoje, fiquei sentada durante um bom tempo, para terminar a leitura de uma dissertação, o tema estava instigante, mas meus olhos estavam cansados. Também aproveitei para contemplar a chuva do dia. Choveu muito por aí? Em Belém tem chovido tanto, tantas pessoas sofrendo com os problemas dos alagamentos, dos ventos, tens acompanhado os jornais? A moça que me ajuda em casa teve problemas sérios com o telhado de sua casa, ele caiu por inteiro... Que sofrimento! Imagina? Esses dias estou tentando escrever um texto, mas tudo que escrevo parece fútil, também venho sofrendo com meus problemas de insônia, tens também esse maldito problema, meu amigo? Espero que não, pois não sabes o que é ficar vagando em pensamentos durante à noite dentro de casa, é um tormento. Vou observar novamente a tuas fotos com calma para pensar em escrever alguma coisa. Ah! Aquele trabalho com as tuas fotografias foi aceito para publicação.

Um abraço

## **12 de Maio de 2013**

Maria, desculpe a demora em responder seus e-mails. É que estou fazendo um curso, além de preparar aulas para PLE de Física. Olha só, esse tema fotográfico que envio para você foi sem planejamento. Estava eu caminhando pelo banco de areia (no meio do rio) quando percebi que a textura da areia seguia um padrão. Eu estava passando uns dias em São Caetano de Odivelas e não resisti em sair pela cidadezinha, para conhecer melhor os hábitos do povoado, e comecei a tirar algumas fotos... Você conhece o lugar? Eu recomendo, vais comer muito caranguejo. Achei aquilo interessante, aquela areia que ia tomando aos poucos novas dobras, e comecei a fotografar (acho que formava uma imagem fractal). Percebi que quanto mais enquadrava a foto, mais subjetiva ficava. Depois que converti para preto e branco, verifiquei que tinha um material imenso em termos de interpretação. Vamos fazer alguma coisa juntos com elas?

Abraço

Manoel.

## **28 de Maio de 2013**

Oi, Manoel! Como foi bom receber as suas fotografias, imagens belas... Fiquei horas com elas na tela do meu computador. As folhas secas caídas, galhos caídos, o homem ribeirinho pescando, a área capturada em seu movimento, a vitória-régia. Tantas imagens que você colheu entre passeios, necessitando conhecer a sua região, registrar seus momentos por meio do olho da máquina, e também

registrar suas sensações. Obrigada pela partilha das imagens. Por meio dessas imagens foi possível notar o quanto deixamos de olhar o mundo que nos rodeia, o quanto se esquece que a vida é composta por tantas linhas, aberturas e singularidades. A vida não é mesmo uma homogeneidade... A vida não precisa de muita coisa para ser alegre e às vezes não sabemos porque a negamos em seus fragmentos, em suas pequenas manifestações. Eu suspeito que a nossa educação racionalista, em demasia, tem grande contribuição nessa cegueira, pois a mesma nega a existência da vida em pedaços, em fragmentos...suas complexidades, seus movimentos...Se a fotografia para você é roupar o momento, o roupo não é uma cópia, também não é uma representação; o roupo, como sugere Deleuze (1996), é criação. Cada imagem comporta uma montagem inventiva daquele que a capturou...Comporta subjetividade...Uma singularidade. Com isso, lembrei de um texto fundamental de Nietzsche, do seu livro *Ecce Homo* (1995), aforismo intitulado “Por que sou tão inteligente”, que trata dos encontros de Nietzsche com sua singularidade, com suas preferências: leituras, comidas, músicos preferidos, clima...Ele mostra uma espécie de honra consigo mesmo, um cultivar a si mesmo por meio de uma efetiva seleção, tal seleção começa pelas pequenas coisas que tanto a razão maior negligencia. Uma seleção, para dizer como Deleuze (1996), de encontros que pudessem levá-lo para além de si mesmo, uma espécie de entrega a sua necessidade vital, buscando seus “alimentos” próprios, sua forma de interagir com o mundo, buscando seus próprios hábitos e costumes, evitando os encontros degenerativos para conservar a potência vital. Claro! Tudo isso se deve a um momento de convalescência... Para depois se tornar um grito de vida. Sei que o seu trabalho com a fotografia e mesmo com a pintura é um modo de inventar a sua própria vida, um modo de viver consigo mesmo e com outros. Construir essas aberturas, essas linhas moleculares, é um trabalho de afecção e encorajamento para o espírito, pois tudo parece convergir para um modo, uma forma... Então, o seu trabalho com fotografia não é um caso de racionalidade utilitária, mas de afecção, de potência... É como um exercício de escritura da alma para outras vias... Eu mesma fiquei a pensar quando estava contemplando as tuas imagens... Tantas imagens... Um ensaio veio à tona...uma partilha.

Com cacos de palavras, como se da linguagem não tivessem  
subsistido senão as formas de uma longa frase esmagada.  
(M. Blanchot)

### ESCOPO DE UM ENSAIO...

**O difícil mesmo é fotografar a alma:** tudo se passa como se o corpo estivesse atravessado por um certo pesadume, uma certa lentidão, como se não conseguisse responder às manifestações, aos

contatos, à burocracia, às tarefas diárias do trabalho, ao moralismo das pessoas e da sociedade. Uma espécie de coersão é instalada em todos os sentidos, pois o corpo não consegue fazer um movimento de braço e nem de pernas. Como se o corpo não suportasse mais aquele adestramento lento, civilizatório, que tanto Nietzsche (1998) descreve com magistral capacidade em sua obra *A genealogia da Moral*. Uma espécie de progressivo civilizar, envernizar o animal-homem a ferro e fogo. Trata-se de um corpo que não suporta o sistema de castração, de violação, comando e governo da vida, como bem salienta Foucault (1979;1987), quando retrata os corpos docilizados por via da disciplina e das punições e dos poderes. Não suporta mais toda a farmacografia, a psicanálise, a medicina, impondo modelos e formas de tratamento para as dores da alma e do corpo... Um corpo que não aguenta mais todo um sistema de culpabilização dos sentimentos e dos desejos. Com tudo isso, o corpo solicita um encontro com a sua convalescência, necessidade de um encontro possível com a sua dor, com a sua solidão, com a sua singularidade, sua movência. Ele pode! Pode sim! Porém, tal trabalho deve ser feito com esforço, pois a sociedade não suporta o afastamento, a solidão. Não se pode mais querer o silêncio, a escuta de si mesmo... Diante de um mundo tão barulhento, o silêncio e a solidão viraram caso de tratamento... Um corpo que não suporta mais... Silêncio!!! Ele grita. Não grita, Manoel? Grita, grita sim! Um pouco de silêncio, recolhimento, solidão...Um pouco de encontro com interesses singulares...

Contudo, diante de tantos estímulos que nos atinge, a sociedade das imagens, dos espetáculos, das sensações fortes, é fundamental um certo discernimento do corpo diante de suas afecções, de seus encontros. Cabe selecionar, escolher, evitar determinados encontros para que se possa continuar sendo tocado outra vez. O mestre Espinoza nos ensina a saber selecionar bons encontros, uma reforma do intelecto, uma reforma do corpo que busca a potência alegre para viver. O corpo, como se tivesse por meio de si mesmo, diante de suas afecções, tem que encontrar um modo, uma certa sabedoria para selecionar, proteger-se das grandes tormentas, das grandes feridas, para continuar a acolher outras afecções... Estou divagando, Manoel? Acho que não...

**Eu também fotografei, sem uma máquina, um corpo caído:** um corpo que não suporta mais a vida modelada por uma universalidade. Não há dúvida que hoje estamos vivendo uma crise da banalidade, as formas que asseguram uma certa consistência para a vida social, aos poucos estão sendo esfaceladas, nas esferas pública e privada. Então, parece que as pessoas perambulam como espectros em meio às convicções da mídia, dos políticos, dos consensos entre grupos. Além do medo e do pânico que assolam as pessoas, há a vigilância das vidas privadas, um controle da vida e dos



corpos na defesa de uma civilidade comum. Isso impõe para cada corpo um exercício de sobrevivência. O que convida para uma espécie de manejo por outras linhas, que abarque as modalidades menores, as linguagens menores... São quase um grito as tuas fotografias. São um grito... Eu também grito a cada linha...

Quando não se suporta mais o alargamento de tantas coisas comuns, a manipulação do comum, os consensos, as unidades, os espetáculos existenciais, a civilidade do igual. Quando não se pode suportar os clichês sobre a amizade, sobre o sexo, sobre o amor, sobre a educação, sobre a ética, diante do mundo quase esvaziado por entre o senso comum, que só tende a estabilizar ou a se movimentar por entre os clichês, é porque há um entedimento de que a vida em si não é comum, e quando se “aceita” essa banalidade é porque somos vítimas de um modo de vida entrelaçado pela morte do corpo, do pensamento... A tua arte figura um sopro de vida, de expressão diante do sufoco de tempos comuns e burocráticos... É uma exigência de um silêncio... Silêncio!!! Os olhos desejam outras paisagens, paisagens menores, compostas de vida pura. Por isso, o olho da máquina, junto com o manipulador, também busca um silêncio pelas imagens, um campo de vibração do sensível...

Se se está sob o julgo da banalidade e da manipulação do banal é porque paradaxolmente esses esquemas pré-fabricados, reconhecíveis como um decalque para o pensamento, solicitam ao corpo que ouse a estabelecer outras relações com mundo e com a vida, sendo fundamental outras posturas éticas, políticas a serem reinventadas. Cada um inventa a sua... Imagino que neste momento que escrevo para você este e-mail, eu também estou inventando um modo para respirar. Um silêncio!

Parece que é preciso ir até o esgotamento, para que o corpo crie outra linguagem, outros perceptos, outras afecções, pois mostrando o rosto do espectro, para enfim, proliferar outros sentidos que estejam agora ligados efetivamente à vida, à singularidade... Pode ser uma linha. Se a vida e a singularidade, vêm sendo sequestradas pela banalidade, é exatamente essa vida comum que pode proliferar o diverso, as individuações, quebrando o enrijecimento da unidade e do igual para fazer o exercício das intensidades...

Assim, o comum que tende a ser universalizado por todo um sistema de captura é potencialmente uma espécie de variação, singularidade que explode em movimentos desejanter. Quero pensar assim...

**Uma fotografia das coisas menores:** por isso, Manoel! Contra as unidades e suas capturas, diz Nietzsche no seu texto “O andarilho e sua sombra”, aforismo 5, intitulado “linguagem corrente e realidade” (2008), quando denuncia o desrespeito pela singularidade, por aquilo que não quer o



universal, a linguagem do todo, da totalidade, do igual. Fala da negação que o mundo moderno reivindica para todos, as grandes metas, o senso comum. Porém, Nietzsche (2008), sem receio, afirma que aquilo que é demasiadamente importante tende a ser negligenciado pelo uso excessivo de uma razão instrumental e coisificante. A autoestima das coisas importantes, diz ele, quase sempre não são genuínas. Existe uma linguagem alargada nesses setores, mas o sentimento não é modificado com relação a ela. As coisas mais próximas, viscerais, intensas e íntimas, tais como: o vestuário, a moradia, a alimentação, os relacionamentos, os passeios, as leituras escolhidas, poetas favoritos, músicas favoritas, amizades escolhidas, são elementos de um efetivo distanciamento do espírito, do intelecto, da arte, da filosofia, pois parecem vulgar e degradante. Mas a pergunta a ser feita é: será mesmo vulgar e degradante aquilo que é do mais íntimo cultivado da alma? Quem diz isso? A favor de que força essa ideia se impõe? Que vida quer cultivar? Que força quer estabelecer?

Por outro lado, as simples leis do corpo e do espírito colocam-se numa vergonhosa dependência e falta de liberdade daquelas verdades supérfluas, feitas pelos grandes discursos dos médicos, dos advogados, dos jornalistas, dos professores, dos padres, dos cientistas, dos psicólogos, dos psicanalistas e dos pastores. A razão instrumental tem conduzido o homem para a cegueira e raramente se põe ao encontro daquilo que é mais próximo e singular. Daquilo que imprime vida, dor, alegria. Parece que essas coisas não podem ser colocadas na ordem das preocupações primeiras. O que leva a indagar: não seria o negligenciamento dessas coisas que conduz o homem para as maiores enfermidades físicas e psíquicas na atualidade? O que seria benéfico ou o que seria prejudicial à saúde? Como lidar com a vida, com suas angústias, suas dores, seu desamparo? Que sentimentos estão sendo direcionados à beleza da vida, à arte, ao cuidado de si? Qual tempo está sendo dispensado para si mesmo, para os outros, para o sono, para a leitura, para olhar a lua, o céu, o mar? Que sentimento se oferece para a leitura de um texto, de uma carta, de um postal enviado por um amigo? Qual a razão que funciona? Que tipo de racionalidade queremos criar?

Há uma aparente preocupação com a salvação das vidas moribundas e desamparadas, do Estado, da Educação, preocupação com a ciência, com a produção do conhecimento, com a elevação da propriedade, a promoção no emprego, quase um humanismo morno, como diz Michel Onfray (2001), que serve para fundamentar existências congeladas. Tudo isso como meio de prestação de serviço em favor da humanidade, no dizer de Nietzsche (2008). Porém, a necessidade singular vai sendo engolida e esmagada pelo discurso de uma vida igual e massificada. Enquanto os grandes e pequenos fluxos internos, a luta individual com os pensamentos, os valores, os demônios morais, a forma de pensar, de agir, estão sendo arruinados por uma bárbarie civilizada. Em nome da salvação da

humanidade, do Ser humano, as singularidades vão sendo esmagadas, contudo, sua sobrevivência vai sendo rasbiscada entre desvios, resistências, como forma de fazer o corpo respirar, ainda que esteja sufocado pelas instâncias transcendentais. Mas parece que o corpo solicita para si um certo nojo, um abrandamento da consciência, uma certa calma e até o adoecimento, um estado de convalescência, de desconfiança de si e dos outros, uma inexorável suspeita de que esse suposto apaziguamento, essa lendião dos órgãos, levaria à desconfiança cada vez maior desse mundo aplainado. É como se o corpo exigisse uma certa privação de ser levado pela massificação, pelo contentamento imediato, pelas supostas alegrias frias, felicidades compradas. É como se fosse necessário proibir o espírito de fanfarronice que o enfraquece de qualquer tipo de rigor. Sem vagos desejos... Uma espécie de asseio para determinadas coisas que nos atravessam no dia a dia... Estou aqui a fazer essas digressões para você, afetada por suas imagens fotográficas.

### (3-bloco)

...uma subjetividade desobrigada, soberana, sem contas a prestar senão a si própria  
(Michel Onfroy)

**A fotografia do silêncio:** como um observador que precisa da solidão, da calma, da capacidade de ruminar, escutar seus pensamentos... O que é seu? O que é singular? Como um médico de si, que deve inventar seus próprios remédios, sua disciplina de cura, de alívio da dor. Assim, tem que ser o homem que não aguenta mais a tagarelice do igual. Exercitando a si mesmo... Um longo trabalho de montagem, desmontagem, crise, deslocamentos, perdas, encontros... Um exercício do corpo com a vida, com as entranhas do mundo e de si mesmo. É preciso impor uma clínica para alma, como sugere Nietzsche (2001). Fazer uma espécie de peregrinação ao que não esteja na ordem do comum, do tolerável, buscar um mínimo de vida, de pensamento, de entendimento de si, um despreendimento de mundo narrado em linguagens universais, uma independência dos grandes discursos para forjar um homem soberano e não castrado dos seus desejos.

É sobre o enfrentamento de uma vida modelada pela mídia, pelo capital, pelo moralismo, que o corpo deve selecionar seus próprios encontros, que sejam estimuladores de vida, de alegria, como uma forma de potencializá-lo para a vida que não cessa de atravessá-lo. Não existe um modelo, um caminho, como sugere Nietzsche (2011) em sua obra fundamental, *Assim Falou Zaratustra*, cada um encontre o seu. Cada um fomenta as suas linhas vitais... Cada um encontre um espaço que faça seu corpo vibrar, viver potencialmente. Cada um invente a linha que faça a vida respirar em potência...

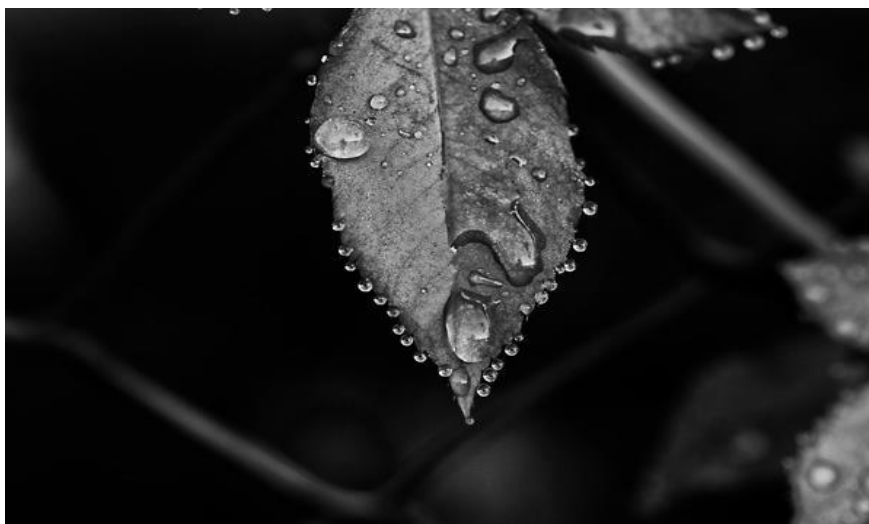
Você tenta? Em nossas conversas nos corredores da universidade escuto suas queixas que não são em prol do negativo...

[...] Janelas do meu quarto,  
Do meu quarto de um dos milhões do mundo.  
que ninguém sabe quem é [...]  
(Fernando Pessoa)

(4-bloco)<sup>3</sup>

## A VIDA EM FOTOGRAFIAS: UM TEXTO POR IMAGENS ROUPADAS

### I - Gota...



### II - Rosa molhada, em preto e branco...



### III - Um encontro...



### IV - O pescador



## V - fractais



## VI - Transmutação...vida.





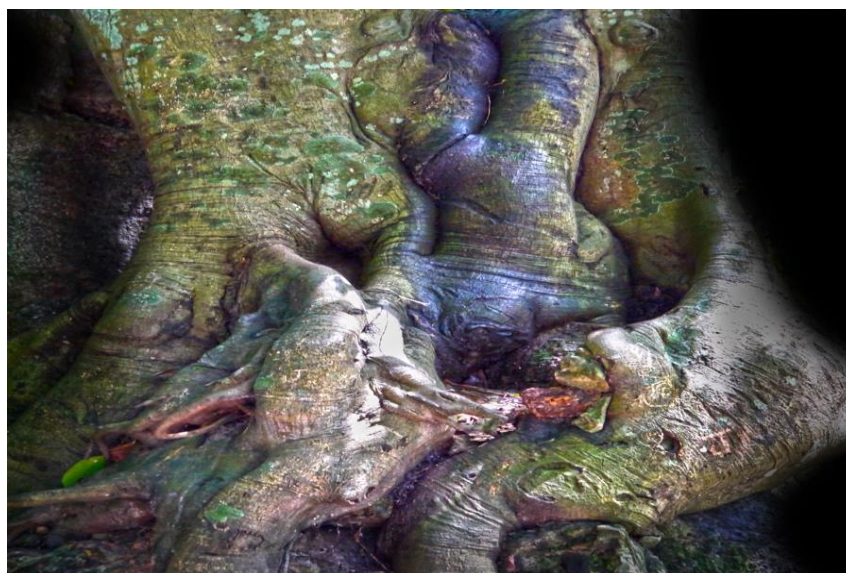
VII - Transmutação...vida.



VIII - Silêncio...



## IX - Deformação...vida



## X - Centro móvel...força





## XI - Linhas para tecer mundos...



(5-bloco)

10 de janeiro de 2014

Manoel, quando não se aguenta mais um mundo pasteurizado pelos clichês, só nos resta olhar o mundo em suas linhas menores, olhar o mundo por entre as árvores, os cantos das águas... Das folhas, dos barcos, da terra, do homem das águas... Inventar uma política menor... Inventar modos de olhar o mundo, do mesmo modo, que esses olhares possam ser um convite para a instauração de novas políticas que enfrentem o mundo entre partilhas... Novas linhas, novos tecidos vitais... Manoel de Barros já sugere essa política menor. Cito-o:

Aprendo com abelhas do que com aeroplanos.

É um olhar para baixo que eu nasci tendo.

É um olhar para o ser menor, para o insignificante que eu me criei tendo.

O ser que na sociedade é chutado como uma barata - cresce de importância para o meu olho.

Ainda não aprendi por que herdei esse olhar para baixo.

Sempre imagino que venha de ancestralidades machucadas.

Fui criado no mato e aprendi a gostar das coisinhas do chão - Antes que das coisas celestias.

Pessoas pertencidas de abandono me comovem: Tanto as soberbas coisas ínfimas. (BARROS, 1998. s/p. Texto retirado da internet: <http://retratodoartistaquandocoisa.com.br> - data: 06/06/2014)

Sua amiga.

## (6-Bloco)

**Para exigir de si aventuras:** “Criar – eis a grande libertação do sofrer, e o que torna a vida leve. Mas, para que haja o criador, é necessário sofrimento e muita transformação” (Nietzsche, 2011, p. 82).

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Trad. Mauro Gama. Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

BLANCHOT, M. **Depois do golpe: O ir-e-vir eterno**. Trad. Amanda Mendes Casal e Eclair Antonio Almeida Filho. São Paulo: Lume editor, 2012.

BARROS, M. **O Retrato do artista quando coisa**. São Paulo. Ed. Record, 1998. [Http://retratodoartistaquandocoisa.com.br](http://retratodoartistaquandocoisa.com.br)-data: 06/06/2014.

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. Trad. Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

\_\_\_\_\_. **Différence et répétition**. Paris: PUF, 1969.

DELEUZE, G; PARNET, C. **Diálogos**. Trad. José Gabriel Cunha. Lisboa: Relógio D'água Editores, 1996.

ESPINOZA. B. Ética. In: **Coleção Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Organização e Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1987. MELVILLE, H. *Bartleby, o escrivão uma história de Wall Street*. Trad. Cássia Zanon. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Also sprach Zarathustra I-IV**. Kritische Studienausgabe Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari, Berlin, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Assim Falou Zarathustra: um livro para todos e para ninguém**. Trad. notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- \_\_\_\_\_. **A genealogia da Moral**. Trad. notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_. **A Gaia Ciência**. Trad., notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Humano, Demasiado humano II**. Trad., notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Ecco Homo**. Trad., notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- PESSOA, F. **Tabacaria**. In: *Obra poética: volume único*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- RIMBAUD, A. **Rimbaud livre**. Introdução e Trad. Augusto de Campos. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- ONFREY, M. **A Política do Rebelde**. Tratado de resistência e insubmissão. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

---

<sup>1</sup> Professora do Instituto de Educação Científica e Matemática/UFGA.

<sup>2</sup> Bacharel em Física pela UFGA, Mestre em Física pela UNICAMP, Doutorando em Educação em Ciências pela UFGA. Professor da Faculdade de Física/UFGA. Desenhista, fotógrafo..

<sup>3</sup> Todas as fotos são de Manoel Neto.